

## **Exploração eficiente do Meio Ambiente: uma virada no discurso ecológico em prol da permanência da exploração capitalista.**

Eliane Knorr<sup>1</sup>

O Meio Ambiente se tornou pauta obrigatória desde o cotidiano, inserido em casa, no trabalho ou na escola, até em questões internacionais envolvendo governos, ONGs, etc. Diante da exploração desenfreada do planeta, que teve seu boom a partir do desenvolvimento da sociedade industrial, busca-se hoje formas de controle desta exploração que, no entanto, não atinjam o desenvolvimento econômico de países ditos emergentes, ou a economia de países em que esta estaria consolidada.

O Meio Ambiente, sob a ótica econômica, é tido como um conjunto de recursos naturais, necessários a sobrevivência do ser humano e que deve ser administrado de maneira *mais eficiente* para responder às demandas empresarias sem tornar-se escasso.

A ecologia, enquanto uma relação entre o homem e a natureza da qual ele faz parte, passou a ter grande destaque juntamente com as experimentações de um modo de vida mais livre que marcou o final da década de 60. Mas neste contexto, a preocupação com a exploração desenfreada do planeta vinha de um questionamento das relações com a vida de um modo geral, em todos os seus âmbitos. Nas décadas seguintes, esta questão com a natureza acabou tomando outro rumo.

Diante do problema colocado, surgiram diversas propostas, muitas alertavam ser necessário diminuir, ou mesmo parar, o consumo, de modo a preservar o planeta. Tal proposta despertou um forte interesse de empresários e industriais em encontrar uma forma de garantir a continuidade desta produção. A partir da Eco 92, foi criado um conselho empresarial para o desenvolvimento sustentável, que tinha como proposta inserir as empresas e indústrias, de modo mais efetivo, na questão ambiental e promover e envolver o ramo empresarial internacional no campo do desenvolvimento sustentável. A partir de então, foi dada mais ênfase às novas tecnologias e investimentos que propiciassem um desenvolvimento econômico, social em conjunto com a preservação

---

<sup>1</sup> Pesquisadora no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP) e Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP. E-mail: lili.knorr@gmail.com

do meio ambiente. Chegou-se a conclusão, que a melhor maneira de divulgar este ‘ideal empresarial’ seria explorando a questão ambiental como uma questão econômica. Em outras palavras, a preocupação com o meio ambiente passou a ser explorada como um grande negócio, buscando a melhor utilização dos resíduos, com menor desperdício, e até mesmo com novas possibilidades de reutilização, tudo isso difundido sob o conceito de *ecoeficiência*.

O grande negócio, entretanto, não se restringe aos investimentos sobre os resíduos, acoplado a ‘preocupação’ com a natureza, empresários envolvidos nesta empreitada investem também nas populações dos chamados países em desenvolvimento, ou *emergentes*, como o Brasil. Um nome importante nesta questão é o do empresário suíço Stephan Schmidheiny, que esteve envolvido na criação do Conselho Empresarial para o desenvolvimento Sustentável, na reunião da UNCED de 1992 (Eco 92), e cujo trabalho, atualmente, ou grande parte dele, consiste em investir no empreendedorismo nos países da América Latina.

Hoje, tal proposta parece emplacar como a única saída viável – leia-se também: não utópica – diante da exploração desenfreada do planeta. Não parece haver de fato uma mudança na relação com o planeta ou a vida, apenas uma forma de restaurar a lógica capitalista diante de um problema colocado. Os velhos problemas, levantados pelo discurso da sustentabilidade, permanecem, entretanto, ele é justificado pelo processo contínuo de mudança para um mundo melhor.

Para a análise a seguir, foram pesquisados os sites <http://www.StephanSchmidheiny.net>; [www.avinastiftung.ch](http://www.avinastiftung.ch); <http://www.WBCSD.org>; <http://www.CEBDS.org.br>. Os dois primeiros ligados diretamente ao empresário e idealizador do Conselho Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, e os dois seguintes são o site do Conselho Mundial, de fato, e site da versão brasileira deste mesmo conselho.

Em primeiro lugar, escolhi estes sites mapeados a partir de um ponto específico: a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente (UNCED), de 1992. Também conhecida como Eco-92 ou Cúpula da Terra. O WBCSD é um ‘produto’ advindo deste momento e Stephan Schmidheiny é um nome expressivo em sua procedência.

Para esta primeira abordagem do tema, utilizei dois documentos específicos o livro-biografia de Stephan Schmidheiny, *Minha Visão – Minha trajetória* (disponível em português), e o livro da breve história do WBCSD, *Catalyzing Changes: a short history of the WBCSD* (em inglês). Ambos disponíveis integralmente no site de seus respectivos proprietários.

### **A entrada do setor empresarial na Cúpula da Terra**

Em maio de 1990 em Bergen, Noruega, aconteceu um dos encontros preparatórios para a UNCED de 1992, também conhecida como Cúpula da Terra, prevista para ocorrer no Rio de Janeiro. A conferência de Bergen reuniu os governos da Europa e dos EUA (Timberlake, 2006). Encontro similares aconteceram em Nairobi, também em 1990, para a região da África; em São Paulo, 1990, para a região do Caribe e América Latina; e em Bangkok, em 1991, contemplando a região da Ásia (site: <http://unfccc.int>).

Participaram da Conferência de Bergen para o Desenvolvimento Sustentável, ministros do Meio Ambiente de 34 países, o comissário para o Meio Ambiente da Comissão Européia, além de diplomatas e líderes empresariais, somando ao todo 140 pessoas. Um dos patrocinadores deste encontro foi a Comissão Econômica para a Europa das Nações Unidas.

Entre os líderes empresariais, estava Stephan Schmidheiny, alto executivo suíço conhecido por assumir em suas empresas uma preocupação com o Meio Ambiente. Neste encontro, Maurice Strong, recém proclamado Secretário Geral da Cúpula da Terra, convidou Schmidheiny para representar o lado empresarial no encontro de 1992, como Conselheiro Principal do Comércio e da Indústria. Schmidheiny, no entanto decidiu organizar uma comissão específica de líderes empresariais para a Cúpula de 1992, reconhecida como Business Council for Sustainable Development - BCSD (Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável) (Timberlake, 2006).

A década de 1990 ficou marcada por pelo menos duas novidades no âmbito das discussões acerca dos problemas ambientais. A primeira é que procurou-se implementar de forma mais abrangente a idéia de *desenvolvimento sustentável*. Tal termo foi cunhado em 1987 no Relatório Brundtland, oficialmente intitulado *Nosso Futuro Comum*.

Segundo o Relatório, *Desenvolvimento Sustentável* significa: “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.

Outro ponto que marcou essas atividades na década de 1990 foi a entrada mais significativa, ou de maneira institucional, do setor empresarial.

### **A criação do WBCSD**

Hugh Faulkner, ex-político canadense e presidente da empresa Alcan, foi um dos condutores do encontro em Bergen e nomeou como secretário do evento o empresário Jan-Olaf Willums. A partir do encontro, Faulkner juntou-se com Schmidheiny, tornando-se o diretor executivo do BCSD. Willums, por sua vez, tornaria-se o diretor do WICE (World Industry Council on the Environment), criado logo após a Conferência de 1992, como parte do ICC (Câmara Internacional do Comércio). Em 1995 os dois grupos se fundiriam no que deu origem ao WBCSD (World Business Council on The Environment) (Timberlake, 2006).

Até então, a questão do meio ambiente era tratada como um problema de governos. Com a nova proposta da participação oficial de empresas e indústrias neste setor, Schmidheiny procurou recrutar nomes de peso para a constituição do Conselho Empresarial. Um dos nomes de maior destaque foi o de Edgar Woolard, presidente da DuPont.

A partir da criação deste conselho empresarial, houve uma série de reuniões nos dois anos que precediam a reunião da Cúpula da Terra. Neste período, criou-se um novo conceito que pudesse representar o viés empresarial na questão do meio-ambiente. O conceito criado foi *Eco-eficiência*.

Decidiu-se, a partir destes outros encontros, dar início a uma pesquisa que iria compor o livro *Changing Course* (em português: *Mudando o rumo*). Para a realização da pesquisa, cada uma das empresas envolvidas nomeou um *liaison delegate* (delegado de ligação). O BCSD, recebeu grande atenção da mídia durante a Cúpula em 1992, onde lançaram também o livro.

A proposta inicial do Conselho era que após a Cúpula ele se desmanchasse. No entanto, decidiu-se dar continuidade ao projeto, mas nesta continuidade, Schmidheiny abriu mão de sua direção. Após a Cúpula, portanto, constitui-se dois grupos do segmento empresarial que se propunham a lidar com a questão do meio ambiente, o

BCSD e o WICE. Enquanto o primeiro, de maior visibilidade, se constituía enquanto um compromisso entre executivos, o segundo tinha uma proposta de compromisso entre as corporações.

Em 1995, os dois se uniram, trabalhando sob a perspectiva do compromisso entre corporações, dando origem ao WBCSD. Nesta ocasião Björn Stigson foi nomeado presidente e Jan-Olaf Willums, ex-presidente da WICE, foi nomeado diretor Senior.

### **O meio ambiente da perspectiva empresarial**

O plano de trabalho no sentido de promover o chamado desenvolvimento sustentável se deu a partir de uma metodologia empresarial. Tal metodologia consiste em criar cenários hipotéticos, de modo a planejar as atividades a serem desenvolvidas com o objetivo de alcançar ou evitar estes cenários.

Foram três os cenários traçados pelo WBCSD:

O primeiro, nomeado *FROG* (First Raise Our Growth – Nosso Crescimento em Primeiro Lugar), traça um cenário em que o desenvolvimento econômico tem prioridade sobre o meio ambiente, o que resultaria em uma sociedade e ecossistema destruídos. Segundo Lloyd Timberlake, não é um cenário sustentável.

O segundo, nomeado *GEOpolity* (Global Ecosystem Organization), é o cenário da regulamentação e lei ambiental internacional. O governo força o mercado a responder aos temas sociais por meio de ameaças globais.

O terceiro cenário seria o *Jazz*. Este, ao contrário do anterior, é voluntário, a partir de iniciativas descentralizadas, abertas e improvisadas. Segundo Timberlake, nesta perspectiva o comportamento do mercado é acessível de bomgrado, e responsabilidade é reforçada pela escolha do consumidor e opinião pública. Consumidores e ativistas ecológicos são mais participativos, o governo facilita mais do que regula e o empresariado encontra vantagens estratégicas em agir em prol do meio ambiente.

### **No Brasil**

O CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro de Desenvolvimento Sustentável), é o representante do WBCSD no Brasil, e existe oficialmente desde 1997. As empresas que compõem este Conselho brasileiro, correspondem à 40% do PIB nacional (fonte: [www.cebeds.org](http://www.cebeds.org)).

No site do Conselho consta que sua missão é: “Integrar os princípios e práticas do desenvolvimento sustentável no contexto de negócio, conciliando as dimensões econômica, social e ambiental”.

No Brasil, o conceito de *eco-eficiência* está diretamente ligado ao que chamam de *Produção Mais Limpa*. A *Rede de Produção mais Limpa* tem como objetivo contribuir em tornar as empresas mais eficientes e competitivas, reduzindo os danos ao meio ambiente. Tal investida, surgiu de um projeto criado no Rio Grande do Sul, ligado ao PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e à Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial, e possui um caráter preventivo.

### **Eco-eficiência**

Eco-eficiência foi um termo criado nos primeiros encontros do BCSD, por meio de um ‘concurso’. Stephan Schmidheiny escolheu um nome, entre diversas sugestões anônimas, que definisse a “potencial contribuição de uma empresa ao desenvolvimento sustentável” (Schmidheiny, 2006: 24). Apesar de anônimo, no livro *Catalyzing Change* Frank Bosshardt conta que o termo escolhido era invenção sua.

Segundo Schmidheiny, ‘eco’ se refere ao mesmo tempo à economia e ecologia, enquanto que ‘eficiência’ seria um denominador comum com relação ao crescimento econômico. Schmidheiny expõe o termo eco-eficiência enquanto uma dimensão ética do desenvolvimento econômico, enfatizando que diante de uma maior liberdade econômica, a responsabilidade se torna mais necessária para as empresas.

No site do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Econômico, afirma-se que “ecoeficiência é saber combinar desempenho econômico e ambiental, reduzindo impactos ambientais; usando mais racionalmente matérias-primas e energia; reduzindo os riscos de acidentes e melhorando a relação da organização com as partes interessadas” ([www.cebds.org.br](http://www.cebds.org.br)).

### **Stephan Schmidheiny**

Stephan Schmidheiny, filho de empresários na Suíça, ao mesmo tempo, sua família tinha próxima ligação com os artistas contemporâneos. Em uma família de engenheiros, formou-se em direito.

Trabalhou em uma fábrica da Eternit (empresa de sua família) no Brasil, e depois passou a gerir esta empresa na Suíça. A discussão dos malefícios ou benefícios do amianto – material largamente utilizado em sua indústria – o levou a assumir

transformações drásticas com o corte do material. Ainda assim, não ficou livre da crítica na grande mídia, chegando a estampar – como vilão – as primeiras páginas de jornais, segundo o próprio Schmidhiény. Isso marcou sua entrada no campo do chamado ‘desenvolvimento sustentável’. Em sua bibliografia, relata que o que o motivara a abrir mão do uso do amianto fora, na verdade, a sua experiência na fábrica do Brasil, onde carregava sacos com esse produto e que, frequentemente, se encontrava coberto pelo pó do amianto.

Em 1984, investiu na criação da FUNDES juntamente com o Arcebispo do Panamá Marcos McGrath, uma fundação que promove cursos empresariais para pequenas e micro-empresas na América Latina, oferece créditos, consultorias e treinamento administrativo.

Investiu em algumas empresas em crise na Suíça e na América Latina. Seu método consistia em fazer a empresa prosperar, revendendo-a no seu auge.

Ainda na década de 80, entrou como investidor em uma coleção de artes administrada pelo irmão. Em 1995, com a morte do irmão e do pai, herda a coleção de artes e funda a DAROS, organização que investe em artes e artistas contemporâneos, em especial estadunidense, a partir do pós guerra. Posteriormente fundou a DAROS América Latina.

Na década de 1990, começou a proferir palestras, também em universidades, sobre desenvolvimento econômico e preocupação ambiental (suas palestras estão disponíveis no seu site).

Em 1994, vendeu seus negócios na Suíça e se concentrou na América Latina. Fundou o Grupo Nueva que, de acordo com sua homepage, “é uma holding<sup>2</sup> de investimentos e operações no negócio florestal e derivados de madeira”.

Outra de suas organizações, a AVINA, tem como objetivo ‘investir em lideranças’. Segundo Schmidheiny “o segredo está em buscar personalidades com poder de liderança, não só na chamada elite” (Schmidheiny, 2006: 34). Seria preciso portanto, um trabalho empreendedor, que para Schmidheiny “um empreendedor é uma pessoa que pode convencer outras a aceitar sua visão, motivando-as a trabalhar para alcançar tais metas” (idem: 31 e 33)

---

<sup>2</sup> Sociedade Gestora de participações Sociais, em que a empresa gestora possui parte das ações de outras empresas.

Em 2003 fundou a VIVA Trust. VIVA Trust é, por um lado, o dono do Grupo Nueva e, por outro lado, a fonte financeira mais importante da Fundación AVINA. Segundo Schmidheiny, é a união da lógica empresarial – vertical e centralizada, com a lógica social – horizontal e descentralizado, resultando no que se chama desenvolvimento sustentável.

### **AVINA Stiftung**

A Avina Stiftung é uma fundação filantrópica que se estabeleceu na Suíça em 1994, criada por Stephan Schmidheiny. Na mesma época, Schmidheiny focava seus negócios nas Américas Latina (Schmidheiny, 2006). A princípio, o enfoque desta organização também era a América Latina. Posteriormente foi criada a Fundación Avina, em 2001 no Panamá ([www.avinastiftung.ch](http://www.avinastiftung.ch)). Antes da Fundação Avina, Schmidheiny, já havia criado outra instituição filantrópica, na década de 80, que investia em pequenas e médias empresas na América Latina, a FUNDES.

Sob o lema de que “não há negócios bem sucedidos em sociedades fracassadas”, lema que estampa a primeira página do site suíço, Schmidheiny, segundo o próprio, observou na América Latina um grande potencial de desenvolvimento, graças ao seu crescimento econômico, ao mesmo tempo que uma grande desigualdade social. Ele afirma, ainda, que chegou a conclusão, que era mais importante investir em líderes que conduzissem grandes mudanças, do que trabalhar sob o velho modelo filantrópico da doação.

Eu tinha a certeza de que sem líderes nunca haveria mudanças decisivas. Os líderes caracterizam-se por ter uma visão de longo prazo, idéias concretas para sua implementação e valores éticos arraigados, bem como um plano de ação e a habilidade de levar adiante seus projetos de forma bem sucedida. Além disso, são capazes de motivar outras pessoas para se juntarem em novas parcerias, criando, deste modo, a massa crítica necessária para acionar o processo de mudança. (Schmidheiny, 2006: 34)

Uma das palavras que marca esta mudança de visão da filantropia, segundo Schmidheiny, é a palavra *investimento*, já que se pressupõe um retorno com base em interesses específicos (Schmidheiny, 2006). Segundo o site da Fundação Suíça, a Avina é uma organização filantrópica com espírito empresarial. Schmidheiny, afirma, entretanto, que apesar de ser um novo paradigma filantrópico, a ideia não era



completamente nova, descobriu na América Latina uma empresa, a Ashoka, que já trabalha sob este prisma desde a década de 80.

A Avina promove projetos inovadores na área social, de educação, de arte e cultura e ambiental. Considerando os anos de 2007 a 2009, a maior parte dos projetos da Avina Stiftung foram voltados para o Meio Ambiente, a mesma coisa com relação aos fundos investidos ([www.avinastiftung.ch](http://www.avinastiftung.ch)).

A Avina também é uma das fundadoras da SwissFoundations

Em 2003, Schmidhieny fundou a VIVA trust, com o objetivo de financiar projetos socialmente empreendedores. Em 2008, a Fundación Avina passou a ser financiada pela ViVA Trust, e tornou-se independente da Avina Stiftung.

Há uma diferença enorme no conteúdo dos sites da Avina Stiftung e Fundación Avina. O material disposto na Avina Latina é muito maior do que da Avina Suíça, também enquanto quantidade de informações. A Fundación Avina, por exemplo, dispõe relatórios anuais de suas atividades desde 1999, enquanto a Avina Stiftung, disponibiliza apenas alguns dados estatísticos referentes aos anos de 2007 a 2009. [A mesma diferença se nota com relação a organização DAROS, também de Schmidhieny, também com atividades na Suíça e América Latina, ainda que menos independentes]

No artigo intitulado “O conceito de ecologia social”, de 1985, Murray Bookchin, anarquista nascido nos EUA, alertava contra alguns discursos que emergiam diante da constatação de uma crise da exploração do planeta. O autor afirma que, se por um lado as transformações que despontaram na década de 1960 em meio à explosão de uma contracultura aberta ao sentido de uma grande mudança social, com novos estilos de vidas comunitários, novos valores de sensibilidade, música, linguagem, etc., os anos seguintes anunciavam um retrocesso. Bookchin distingue o pensamento ecológico que emergiu com força nos anos 1960, de um ambientalismo que despontava. Na medida em que o meio ambiente é passivo à intervenção humana: “o ‘ambientalismo’ tende a reduzir a natureza a um depósito de ‘recursos naturais’ ou ‘matérias primas’” (Bookchin, 2010: 133); a ecologia, ao contrário, seria “o equilíbrio dinâmico na natureza, a interdependência entre o vivo e o inanimado” (idem:134).

O ambientalismo partiria de uma visão mecanicista que não questiona a relação de dominação do homem sobre a natureza, já a perspectiva ecológica deslocaria o homem de sua confortável posição de dominador colocando-o, não à parte, mas no

interior de uma natureza da qual ele se desenvolveu em um modo de organização diferenciado, mas que, no entanto, dela não está apartado. Bookchin não quer o retorno a um tempo primitivo em que a natureza tomaria conta dos homens e de todas as coisas. Para ele isso seria uma inversão dentro da lógica de dominação. O homem, como ser da natureza, tem uma relação dentro dela, não é dominado e nem a domina.

Em uma relação dinâmica na natureza, “qualquer espécie que consegue aumentar seu território estará, ao mesmo tempo, ampliando a situação ecológica como um todo” (Bookchin, 2010: 152). Entretanto as sociedades humanas modernas, regidas pela lógica da dominação, tendem a simplificar os territórios, povos, etc., empobrecendo-os e enfraquecendo-os, como a si próprias. A ecologia social, que propõe Bookchin, seria precisamente esta relação entre o homem e a natureza, sem apartá-los um do outro: um pensamento ecológico, portanto, só pode ser social e vice-versa.

As experimentações de 1968 mostraram que a vida é possível sem o governo da autoridade. Tornou explícito que a vida era muito mais do que cabia nos limites da fábrica, da escola, do Estado, ou dentro de qualquer outro limite. O governo das vidas, que até então operava sob uma lógica de *dentro e fora* – entre aqueles que estavam incluídos, que tinham acesso aos direitos, aos salários, às premiações, e aqueles que estavam excluídos, considerados perigosos, marginais –, se viu forçado a se re-inventar.

Até meados do século XX, as posições eram bem delimitadas, no espaço do trabalho, da escola, das instituições. O governo se exercia dentro destes limites. Em oposição, as resistências aconteciam nos espaços *entre*. A esta forma de governo, Michel Foucault (2003) reconheceu um poder disciplinar. Este exercício do poder se dava através da prática do governo de fazer viver e deixar morrer. Mas Michel Foucault já atentara para uma nova forma de governo que começava a surgir com as tecnologias que emergiram na Segunda Guerra.

Gilles Deleuze, dando continuidade às análises de Foucault, observou nesta mudança na sociedade a emergência do que ele chamou de Sociedade de controles. A Sociedade de controle se redimensiona, segundo o autor, através do inacabado. Desta forma, os espaços *entre* da sociedade disciplinar, aos poucos vão sendo ocupados por micro-controles. Se na sociedade disciplinar os corpos deveriam se ajustar aos moldes da disciplina, Deleuze expõe que, na sociedade de controle o governo age através de

modulações “como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante (...)” (2004: 221).

As fronteiras são menos rígidas, há lugar para todos, desde que, é claro, se possa ser identificado. A sociedade de controle é a sociedade da inclusão. Todos são convocados a participar, mesmo que através de denúncias e opiniões via internet. As minorias acabam sendo capturadas através de alternativas. Não há mais apenas um modelo a se seguir, as opções são muitas, todos (ou quase todos) podem viver como o macho, adulto, branco, com a possibilidade de preservar o corte de cabelo ao seu estilo. Os movimentos de resistências são capturados a partir de *estilos* pré-fabricados, a venda em qualquer supermercado, ou através da internet. Segundo Edson Passetti, “(...) os direitos de minorias substituem antigos direitos sociais e funcionam como amortecedores de conflitos. (...) A sociedade de controle, segundo prioridades e programas, também é capaz de absorver rapidamente um infrator como controlador, um inventivo jovem em programador institucional, uma rebeldia em moda, um contestador em político profissional; é a sociedade do consenso e das incansáveis capturas, sob a forma de dispositivo de inclusão” (2007: 27).

De acordo com Edson Passetti “no fluxo ininterrupto de *políticas públicas* entre Estado e sociedade civil emergiu a ética da responsabilidade social atraindo a população para programas de atendimento e participação, capturando resistências e rebeldias para consolidar o que chamo aqui de *conservadorismo moderado*” (2007: 17).

Menos do que um saudosismo e um *pessimismo inconsolável*, se faz necessário, hoje, tomar cuidado com discursos sedutores em torno do mercado e meio ambiente para não acomodar-se com soluções falaciosas. Um problema que concerne a vida como um todo, não pode ser solucionado reduzindo-se seu fator a uma questão econômica. Se faz necessário portanto, pensar outras maneiras de lidar com a vida ou assumir de uma vez que a preocupação com o planeta não passa de especulação de capital.

#### **Referências:**

BOOKCHIN, Murray. *Ecologia social e outros ensaios*. Organização e revisão da tradução de Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro, Achiamé, 2010.

PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. “Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado”. *Verve*, 2007, vol. 12, p. 11-43.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Ed. Graal, 2004.

SCHMIDHEINY, Stephan. *Minha visão - minha trajetória*. VIVA Trust, Chile, 2006.

TIMBERLAKE, Lloyd. *Catalyzing Change: A Short History of the WBCSD*. fevereiro 2006.  
(Disponível em: <http://www.wbcd.org>)

[www.swissfoundations.ch](http://www.swissfoundations.ch)

[www.avinastiftung.ch](http://www.avinastiftung.ch)

[www.fundes.org](http://www.fundes.org)

[www.ashoka.org.br](http://www.ashoka.org.br)

<http://www.wbcd.org/> (site do WBCSD)

<http://www.cebds.org.br/> (site do CEBDS)